

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARCELO SANDRO DE OLIVEIRA

IDEÁRIOS URBANOS

SÃO PAULO

2013

MARCELO SANDRO DE OLIVEIRA

IDEÁRIOS URBANOS

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Dr. Celso Lomonte Minozzi

SÃO PAULO

2013

RESUMO

Esta pesquisa disserta sobre os conceitos preliminares e a forma de elaboração dos espaços urbanos, no que diz respeito a uso e ocupação em cidades futuras.

O objetivo da pesquisa é produzir um prognóstico dos espaços urbanos eficientes, no que tange as relações de distribuição dos usos e ocupação desses espaços, inerentes a qualidade de vida dos habitantes.

Serão apresentados pensamentos de teóricos sobre assuntos na área de Arquitetura e Urbanismo, Filosofia e Sociologia que servirão como base de propostas urbanas.

Palavras-chave: Utopia. Ideário Urbano. Modernidade Líquida. Cidade Genérica.

ABSTRACT

This research dissertation on the preliminary concepts and the way of urban development, with regard to the use and occupation in future cities.

The research objective is to produce a prediction of urban spaces efficient, regarding the relations of distribution of uses and occupancy of these spaces, the inherent quality of life for residents.

Will be presented theoretical thoughts on issues in the field of Architecture and Urban Planning, Philosophy and Sociology who will serve as suport of urban proposals.

Keywords: Utopia. Urban ideology. Liquid Modernity. Generic City.

1. INTRODUÇÃO

“É a realidade que gera uma utopia e é a utopia que torna o mundo suportável.”
(PESSOA, 2006, p. 23).

Utopias aparecem com mais frequência em momentos de transição e grandes incertezas, no entanto, não devem ser interpretadas como devaneio ou algo irrealizável, pois nunca é desvinculada da realidade.

Geração após geração, a humanidade, naturalmente se multiplica e modifica o mundo. Surge então a necessidade de configurar o berço que comporte estas modificações perenes a fim de sustentar os ideários urbanos das civilizações presente e futuras.

Por esse motivo esta pesquisa é pautada por alguns questionamentos, tais como: Qual seria o berço ideal para presentes e futuras gerações? O que deve ser considerado para

concepção dos espaços urbanos atendendo os anseios da geração presente e interesses das futuras gerações?

Porém, além de considerar as condições físicas do meio urbano atual é necessário entender, antes, os aspectos que movem e regem os interesses das pessoas que ocupam as cidades de hoje e condições de influencia que as futuras gerações encontrarão pela frente.

O objetivo desta pesquisa é produzir um prognóstico dos espaços urbanos eficientes, no que tange as relações de distribuição dos usos e ocupação desses espaços, inerentes a qualidade de vida dos habitantes.

A metodologia aplicada a essa pesquisa para produzir o prognóstico do espaço urbano eficiente consiste, antes, em embasá-lo com o prognóstico sociológico, o político e o econômico favoráveis a esta condição. Para isso aborda conceitos e analisa pensamentos e teorias que visam diagnosticar o cenário atual das relações interpessoais e das relações entre pessoas e o meio urbano.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. IDEÁRIOS URBANOS

“Hoje precisamos de transformações ainda mais radicais, já que a busca de mobilidade cresceu tão desmesuradamente graças às novas tecnologias que entra em conflito com o espaço, sobretudo lá onde esse espaço resiste ou então não foi anteriormente transformado.” (CACCIARI, 2010).

A evolução tecnológica, como um dos principais acontecimentos dos últimos séculos, tem correspondência direta com a forma como as pessoas interagem com o ambiente físico em diversas escalas. Por outro lado o arranjo dos usos e a forma de ocupação dos espaços na cidade servem como o berço que comporta os interesses das pessoas que vivem nesse tempo.

A forma como a cidade se expande e se mantém ao longo do tempo está relacionada à forma como as pessoas a enxergam e esperam dela. Para tanto, o que regulamenta a manutenção e expansão da cidade é a forma de gestão econômica e política que impera sobre ela.

2.2. GENÉRICA E SEM RAÍZES

No seu livro 'A cidade' Massimo Cacciari (professor de Estética na Universidade de Veneza) discorre sobre a essência da cidade pela sua origem, vinculando a ideia de aprisionamento por raízes étnicas às Polis Gregas e derivando de polis tem-se o termo polítes (cidadão). Ele, por outro lado, vincula a ideia de mobilidade às Civitas Romanas, sendo civitas palavra derivada do termo cives (cidadão) – Ilustrado na Imagem 01. A primeira ideia tem como primícias cultura e genes semelhantes, configurando uma forma fixa e isolada, tendo o 'lugar' como raiz da palavra. A segunda tem como primícias interesses em comum dos díspares, configurando uma forma expansiva e aberta, tendo os 'personagens' como raiz da palavra.

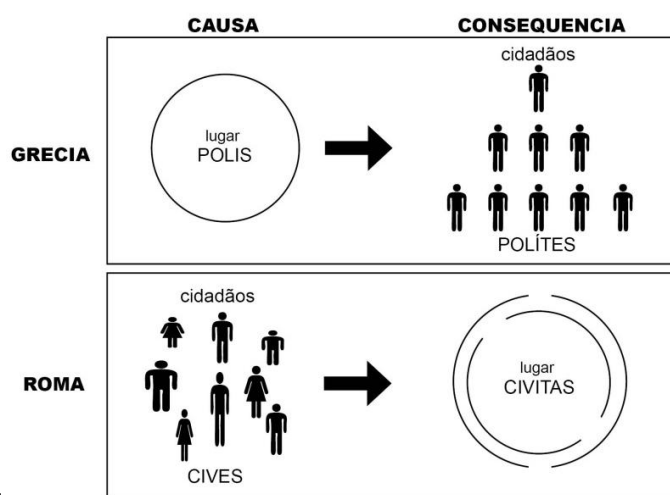


Imagem 01

Neste caso o que Cacciari expõe como “raiz étnica” é, no conceito antropológico, a “identidade étnica” originando duas imagens distintas. Se por um lado a imagem ‘Polis’ remete ao lugar de encontro simbolicamente rico, por outro a imagem Civitas abre um leque para o dinamismo de mercado, para a produção e função mecanicista da cidade.

A diferença numa comparação é o que possibilita a identificação de uma coisa e de outra. Dadas divergências de características e considerando o princípio da lógica tradicional - segundo o qual "uma coisa é idêntica a si mesma" ("a" é igual a "a") - em ambos os modelos é possível pontuar uma identidade de cidade: Na Polis uma ágora e, como consequência de Civitas, uma fábrica da metrópole. A identidade de uma cidade está nas figuras chaves que a move, fato pelo qual é atrativa, reconhecida, lembrada e diferenciada.

A identidade da cidade faz-se centro e ao redor dele é formada a periferia, esta última dependente e ao mesmo tempo é ofuscada pela grandeza do cerne principal. Na esfera, à medida que o raio de influência do centro aumenta, aumenta a insuficiência física para

comportar a densidade e diminui a praticidade de interligar o limite circunscrito à qualidade e nobreza do núcleo – Imagem 02.

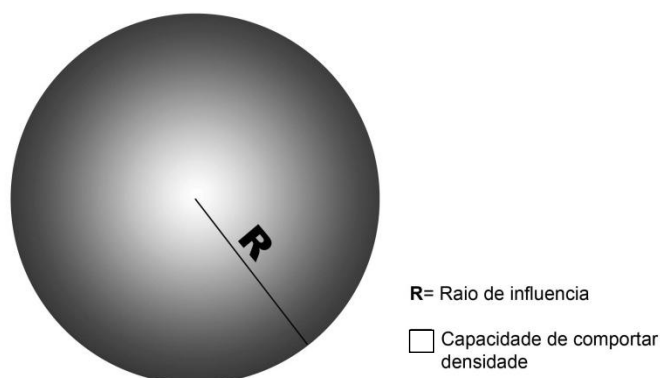


Imagem 02

A condição da vida humana numa cidade desde o núcleo até a extremidade está condicionada a funcionalidade desta, ou seja, a capacidade de comportar a demanda e densidade, atendendo às necessidades humanas básicas. Já a manutenibilidade da vida na cidade, considerando as tendências das novas gerações e conceito de globalização, está condicionada ao potencial de adaptação.

O potencial de adaptação da cidade é essencial na evolução da sociedade urbana, mas é minado pelas limitações políticas e físicas que a própria identidade do lugar exerce sobre as propensões tecnológicas, vocações econômicas e dinamismo do mercado.

A identidade dos lugares, numa abordagem histórico-cultural, é algo fixo e particular de um grupo, correndo grande risco de ficar presa ao tempo. Neste sentido tornam-se memórias e memórias tendem a perder significado para quem não as viveu. Desta forma a veneração de uma memória não vivida acaba por torná-la superficial, vaga de sentido e sem originalidade no dado presente. Em casos extremos, tal culto à memória prejudica o desenvolvimento econômico e capacidade funcional da cidade estagnando-a e fixando-a num hábito que não a permite acompanhar tendências de urbanização.

Em 'A cidade genérica' Rem Koolhaas cogita a remoção da identidade dos lugares (o que caracteriza), a anulação do caráter central dos lugares anula o caráter periférico do outro e quando se removem as diferenças (só existe "a") o que resta é genérico. Neste caso o genérico é voluntário, livre e natural, oriundo dos desejos da cives.

A problemática, no entanto, se dá no desejo contraditório a respeito do que a cidade pode oferecer: Além de se adaptar, evoluir, atender às necessidades corporativas e ser funcional nos mais diversificados casos, deseja-se que esta mesma cidade disponha de lugares férteis no ponto de vista simbólico, tenha lugares de comunicação, de diversão e ócio. E o mais antagônico dos desejos: Espera-se, acima de tudo, o encontro e a

interação da vida coletiva com possibilidade do individual, do personalizado para que o próprio indivíduo não perca a identidade pessoal na sociedade.

2.3. INDIVIDUAL E LÍQUIDA

“Nas palavras de Gerhard Schulze, este é um novo tipo de incerteza: não saber os fins, em lugar da incerteza tradicional de não saber os meios”. (BAUMAN, 2000)

Zygmunt Bauman (renomado sociólogo polonês) procura diagnosticar a pós-modernidade pelos seus aspectos sociológicos em comparação com a modernidade. Ele associa a pós-modernidade leve ao líquido (pela sua característica de fluir sem forma definida e cujo tempo conta mais do que o espaço) e, em contraposto, associa a modernidade pesada à ideia de sólido (pela sua característica de inércia e rigidez e cuja dominação de um espaço é a qualidade necessária para se quantificar).

A modernidade que se dá início por volta de 1500, crente na transformação do mundo através da ciência e racionalidade, atinge maturidade no século XIX, acreditando-se ter descoberto as fórmulas de guiar a vida com mecanismos sociais e investimentos em segurança e assume decadência no século XX. As ideias utópicas do modernismo em relação à organização do Estado e controle do capitalismo que garantia a qualidade de vida das pessoas foram encolhidas pela ineficácia do Estado como gestor desse processo, tornando-se este uma empresa ineficiente devido à, entre outras coisas, supressão pelo capital com a economia de livre mercado.

Na pós-modernidade o investimento é na liberdade. Isso significa investir no equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir. Segundo BAUMAN (2000, p.24) “(...) sentimo-nos livres na medida em que a nossa imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir”. Sobre esse equilíbrio ele comenta que é possível ser alcançado BAUMAN (2000, p.24) “(...) reduzindo os desejos e/ou imaginação, ou ampliando a nossa capacidade de ação”. Os arranjos e manipulação desses fatores é o que define ‘liberdade subjetiva’ e ‘liberdade objetiva’.

Bauman deixa claro que a passagem do moderno para o pós-moderno é marcada pela passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo e nessa nova era de consumo, o individualismo é fator importante na compreensão da sociedade.

Para Bauman os conceitos de significado, propósito e felicidade na vida tendem a ser redefinidos pelo que está acontecendo com o indivíduo em si. Isso pode explicar as técnicas de marketing direcionado e aperfeiçoamento tecnológico para venda de um

produto devidamente “personalizado” ou, em outras palavras, devidamente filtrado. Hoje não se vende, necessariamente, a um público e sim a indivíduos e estes não são, precisamente, definidos pelo grupo ao qual pertencem.

Contudo, a facilidade e técnica com que compradores e vendedores se inter-relacionam garantem para sociedade de consumo um horizonte maior no mercado. Assim sendo, quem domina é o que consome e de fato é livre para consumir por escolha própria (o qual Bauman chama de indivíduo de facto) e não aquele que consome por não haver opção ou é induzido a isso.

O consumo é o ato que permite a identificação pessoal de determinado indivíduo e que o diferencia dos demais, em outras palavras, a identidade do indivíduo é reconhecida no consumo. O indivíduo agora cria racionalmente, e não mais herda a identidade. Isso colabora com a verdade genuína da expressão individual. E mesmo que a construção da identidade não volte completamente ao zero, o indivíduo passa a vida inteira redefinindo-a e acrescentando características a ela devido às diversas atrações que surgem diariamente e que lhe é permitido o contato. Este ato, por si só, já é a tentativa de solidificar o líquido, de se reconhecer e se criar como uma forma legível, embora momentânea, para se comercializar socialmente.

Por outro lado, com tantas possibilidades, não se tem claro, objetivamente, qual é a mercadoria, na verdade tudo acaba sendo objeto de consumo. Numa entrevista de trabalho, qual seria o objeto a ser consumido? Os serviços a serem prestados pelo empregado, ou o emprego oferecido pelo empregador?

São as possibilidades que, espontaneamente, deixam as negociações mais equilibradas e líquidas, pois devem satisfazer as partes envolvidas e só existirá a relação enquanto durar a satisfação. E essa liquidez se reflete em todos os níveis de relação. A facilidade de se molhar é maior devido a maior oportunidade de contato, mas impossíveis de controlar, moldar e reter com as mãos, pois escorrem, vazam e transbordam.

A mercadoria, entretanto, é o futuro que está em uma caixa de surpresa. A liberdade, pela capacidade de agir, revela os diversos meios de se fazer as coisas, a incerteza, porém, são os fins. O dilema está em considerar e decidir, em face de todos os riscos conhecidos, quais dos muitos flutuantes e sedutores fins.

2.4. FAIR TRADE E ANARQUIA

“Somos *cives futuri*, a verdadeira cidadania está no futuro.” (CACCIARI, 2010).

A incerteza do futuro é o reflexo da incompreensão do presente. A força popular de maior evidência é a de movimento orgânico e líquido, cuja coletividade não se concentra em vozes em uníssono, mas pelas palavras, rotas e ações individualmente escolhidas pelo pensamento de cada pessoa naquele momento. Sutilmente, isso é marca da autoafirmação de indivíduos e o primeiro contato com a ‘liberdade de facto’.

É quando a liberdade de facto mostra que a vontade da maioria é uma mercadoria que não atende mais ao indivíduo, todo o conjunto de leis perde o valor. Então é possível que a liquidez, equipada com a descoberta da liberdade e autoafirmação da individualidade, construa aos poucos a maturidade suficiente para produzir consciência de responsabilidade pessoal e alteridade, necessárias para a manutenção da vida coletiva. Essa consciência de responsabilidade individual e alteridade, germinada naturalmente pela liberdade de agir, é o fator que torna sem sentido toda forma de coerção por um governo (Anarquia).

Desse modo, as relações de ordem natural para com a vida em coletividade, em todos os níveis, inclusive no nível econômico, tornam-se mais equilibradas, desde a produção responsável, passando pelo comércio justo, até chegar ao consumo satisfatório (Fair Trade).

2.5. UTOPIA URBANA

Esses ideários, econômico (fair trade), políticos (anarquia) e sociológico pós-moderno (liberdade), exigem do espaço urbano uma interpretação peculiar e adaptada ao modo de vida.

Considerando a problemática dos desejos individuais que produz, inevitavelmente, conflitos ideológicos, são despertadas possibilidades de adaptação por meio de criatividade e soluções inovadoras, tais quais não estão, necessariamente, enraizadas ao passado, a uma identidade étnica ou a uma identidade do lugar. Neste sentido cada lugar acaba sendo cada vez mais global e menos local, cada vez mais aberto e moldável. Cada vez mais *civitas* e menos *polis*.

Em relação ao desenraizamento CACCIARI afirma que “(...) *para isso é necessário que o espaço assuma precisamente uma forma a priori, equivalente e homogênea em todos os seus pontos, ou seja, que desapareça a dimensão de lugar a possibilidade de definir*

lugares dentro do espaço, ou de caracterizar este ultimo segundo uma hierarquia de lugares simbolicamente significativos.”.

O ambiente urbano deve doar lugares e ser flexível ao ponto de permitir a fluidez, ou seja, a forma de liberdade acordada entre as relações interpessoais do momento. Isso significa recriar sua identidade ao passo que cada geração se recria.

Para tanto, torna-se inviável idealizar o futuro urbano que gera possibilidades com o processo de planejamento em duas dimensões, tal qual considera uma vista superior para mapeamento dos fluxos, da ocupação dos espaços e dos usos na superfície.

Se a intenção é atender as vontades de fluidez, deve ser considerada a terceira dimensão, não tão somente para subir o que se mapeou em planta, mas para gerar maiores possibilidade de fluxos, ocupação e uso (tanto público quanto privado) no espaço cubico.

“O genérico da cidade é fractal, uma interminável repetição do mesmo módulo estrutural simples; é possível reconstruí-la a partir da menor peça como por exemplo, um computador, ou talvez até mesmo um disquete.” (KOOLHAS, 1995).

A liberdade experimental, alcançada pela tecnologia atual, permite o mapeamento em três dimensões e a investigação de conforto ambiental. Já geometria fractal superando, em complexidade, a geometria analítica convencional permite um novo horizonte de possibilidades além de melhor expressar os fenômenos naturais. Dessa forma é possível abrir o leque para ideias expansão natural ilimitada da massa urbana em harmonia com o Meio Ambiente, induzir expansão econômica sustentável e reduzir os limites provocados pelo fluxo em um único plano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado desta pesquisa mostra que os conceitos preliminares e a forma de elaboração dos espaços urbanos eficientes, no que diz respeito a uso e ocupação em cidades futuras, estão correlacionados diretamente aos ideários econômico, políticos e sociológico e estes indicam a necessidade de flexibilidade para o meio urbano em um espaço tridimensional. Assim sendo, a pesquisa desperta interesse na área científica.

A pesquisa mostra que o reconhecimento das teorias de diagnóstico do cenário atual produz possibilidades de enxergar e conceituar os novos espaços urbanos, além das formas de planejamento convencional.

Dessa forma pode-se por em prática os conceitos abordados no desenvolvimento da pesquisa, sobre concepção e forma de ocupação e distribuição de usos para produzir a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ASCHER, François. **Os novos princípios do Urbanismo**. Ed Romano Guerra, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Ed. Zahar, 2001.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Ed. Gustavo Gili, 2010.

KOOLHAS, Rem. Três textos sobre a cidade: *A cidade genérica*. Ed. Gustavo Gili, 2010.

PESSOA, Denise Falcão. **Utopia e Cidade: proposições**. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2006.